



Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Programa de Estudos Pós-Graduados em

Administração

Social Paradigms: Anti-Organization Theory

Burrell, G., & Morgan, G.

Teoria das Organizações
Prof. Dr. **Arnaldo Mazzei Nogueira**

Leonardo Germani

Abril de 2014



Teoria da Anti-Organização

Apesar da literatura sobre o Humanismo Radical aplicado ao estudo das organizações parecer extenso, não é.

Muitos teóricos que se dizem humanistas, humanistas radicais ou neo-humanistas estão dentro do paradigma funcionalista.

Seu humanismo representa mais uma reforma do que uma bem fundamentada e consistente perspectiva teórica comprometida com uma visão alternativa de sociedade.



Teoria da Anti-Organização

Teoria da Anti-organização é o estudo das organizações a partir do paradigma do Humanismo Radical.

Se opõe à teoria das organizações, assim como o Humanismo Radical se opõe ao Funcionalismo.

É desenvolvida principalmente a partir da Teoria Crítica.



Teoria da Anti-Organização

Teoria Crítica se preocupa com:

Totalidade – Noção de que o mundo social deve ser compreendido em sua totalidade antes de se compreender suas partes;

Consciência – A força que cria e sustenta o mundo social;

Alienação – separação entre a consciência e a totalidade, que afasta o homem do seu verdadeiro ser

Crítica – Análise das fontes e formas de alienação



Teoria da Anti-Organização

Organizações são construções sociais “coisificadas” (reificadas) que intervêm entre a consciência individual do ser humano e a natureza da totalidade. São “intermediários” que contribuem com a alienação



Teoria da Anti-Organização

Organizações tem um status ontológico precário.

A análise se foca no “modo de organização”, que reflete uma totalidade particular, e não na organização em si.

Inverte a problemática do funcionalismo.

Enxerga a teoria da organização como uma força alienante, preocupada com as questões e problemas errados, como uma iniciativa essencialmente conservadora que sustenta o sistema atual de dominação ideológica.



Teoria da Anti-Organização

É ainda uma teoria embrionária

Autores fazem uma revisão da literatura florescente (da época) que fazem uma crítica a cultura contemporânea.



Teoria da Anti-Organização

David Dickson “Tecnologia Alternativa” (1974) – Ligação entre tecnologia, política e controle social. Propõe tecnologias alternativas necessárias para manter modos de produção social não opressivos e não manipuladores, e uma relação não exploratória com meio ambiente.

Reforça a necessidade de se criar uma mudança política como base para a mudança tecnológica e social.



Teoria da Anti-Organização

Ivan Illich “A convivencialidade” (1973) –
Reconstrução do convívio (fraternidade) para
recuperar o que a tecnologia destruiu.

Até determinado ponto, a tecnologia era usada para resolver problemas específicos; Depois, esse sucesso foi explorado para demonstrar a existência de problemas e necessidades que antes não existiam.

O progresso tecnológico, apoiado pelos interesses das instituições da elite, é usado como maneira de criar demandas por mais progresso tecnológico.



Teoria da Anti-Organização

Ivan Illich “A conveniencialidade” (1973) –
“As pessoas precisam de ferramentas com as quais elas possam trabalhar, e não ferramentas que trabalhem por elas”



Teoria da Anti-Organização

Charles Reich "O Renascer da America (the greening of America)" (1972) – Revolução na consciência baseada nos ideais do movimento contra-cultural da juventude dos anos 60.

Theodore Roszak "The making of a Counter Culture" (1969) – Conflito entre a cultura jovem e a "tecnocracia"



Teoria da Anti-Organização

Carlos Castaneda "A erva do diabo" (1970) – A impossibilidade de se abraçar modos não convencionais dentro da lógica científica da cultura ocidental

Robert Pirsig "Zen e a arte da manutenção de motocicletas" (1976) – Conflito entre a visão de mundo "clássica" e "romântica". Crítica a dicotomia entre arte e técnica.



Teoria da Anti-Organização

Todos esses autores escrevem sobre o conflito entre a realidade comumente aceita do paradigma funcionalista e as aspirações e visões de um paradigma radical humanista.



Teoria da Anti-Organização

De volta ao campo acadêmico

Gouldner “A dialética da técnica e da tecnologia” (1976) – Relação entre ideologia e tecnologia como modos de dominação social.

David Meakin “Homem e trabalho” (1976) – Propõe uma nova ideologia sem distinção entre 'arte' e 'trabalho'

Peter Anthony “A ideologia do trabalho” (1977) – Clama pelo fim da ideologia do trabalho e propõe uma ideologia em que 'prazer' e 'uso' são os princípios básicos



Teoria da Anti-Organização

O que todos esses autores tem em comum:

1. Apresentam a sociedade como um reflexo de totalitarismo. A dominação se dá através do trabalho, da racionalidade, da ciência, etc. Se preocupam em mostrar alternativas.
2. Se opõe ao positivismo e ao funcionalismo, que é visto como um paradigma que cria, mais do que resolve, problemas sociais.
3. Todas as noções e artefatos criados pelo homem são produtos da consciência e, dentro da sociedade industrial, forças alienadoras.



Teoria da Anti-Organização

O que todos esses autores tem em comum:

Assumem que a escassez não é mais um problema, mas parte do sistema de dominação.



Teoria da Anti-Organização

Em direção a uma teoria da Anti-Organização

Poucos artigos e estudos de caso que tentam articular os elementos do humanismo radical para o estudo das organizações.

A ligação com a Teoria Crítica nem sempre é explícita.

“A combinação de planejamento racional e 'burocracias politicamente neutras' com o objetivo de atingir progresso econômico causou uma desensibilização dos trabalhadores e da própria sociologia como uma maneira de se compreender a sociedade contemporânea” (ESLAND, 1975)



Teoria da Anti-Organização

Beynon “Working for Ford” (1973) – Experiência do surgimento da “factory-class consciousness” (consciência da classe-operária?) e o “descobrimento” de que eles são explorados pela administração.

Clegg “Power, Rule and Domination” (1975) – Análise das relações de poder em um canteiro de obras, argumentando que elas só podem ser entendidas com parte de um contexto mais amplo de “form of life”.



Teoria da Anti-Organização

Silverman and Jones “Organisational Work” (1976) – Análise da natureza hierárquica da linguagem da vida organizacional.

Teoria da Anti-Organização

Table 9.2
Towards the definition of anti-organisation theory

	<i>Organisation theory</i>	<i>Anti-organisation theory</i>
Paradigmatic location	Functionalism	Radical humanism
Intellectual source of problems, metaphor and example	Science	The humanities
Conceptual focus (level of analysis)	Organisations	Mode of social organisation
Society conceptualised as:	System	Totality
Focus of ontology	Structures	Consciousness
Predominant socio-economic problem	Widespread lack of job satisfaction	Universal alienation
Generic term for contemporary society	Industrial society; post-industrial society	Capitalism, One dimensional society; corporate state; managerial fascism, etc.
Man's relationship to nature seen as:	Exploitative/ competitive	Harmonious
Predominant means of production	Industrial, factory-based technology	Alternative technology (non-urban, small-scale, co-operative)

Teoria da Anti-Organização

Table 9.2 (continued)

	<i>Organisation theory</i>	<i>Anti-organisation theory</i>
1. Concern for maximisation of	Productivity	Human creativity
2. Technology seen as a:	Positive or neutral force	Negative force
3. Current status of production	Universal scarcity and shortages	Widespread economic surplus available within capitalism
4. Predominant productive mode advocated	Work/labour	Craft
5. Predominant mode of human cognition	Logic	Intuition
6. Human behaviour in accord with	Purposive rationality	Value rationality
7. Ethico-political stance	To understand: possibly to alter the system	To understand: certainly to induce a new totality



Teoria da Anti-Organização

Busca demonstrar as fontes de alienação, identificando os fatores que atuam sobre e dominam a consciência humana na forma de forças sociais aparentemente objetivas e sobre as quais o homem parece não ter controle direto.



Teoria da Anti-Organização

Critica:

1. Racionalidade intencional
2. Regras e sistemas de controle
3. Papéis sociais
4. Linguagem
5. Mecanismos ideológicos
6. Adoração da tecnologia
7. Reificação



“Abraçar o humanismo radical envolve a rejeição da teoria da organização como uma iniciativa ingênua, equivocada e politicamente desagradável. Trata-se de entrar em outro paradigma, um outro mundo intelectual – de fato, uma realidade alternativa.”

